

José Alberto Simões
Renato Miguel do Carmo

Introdução

Este livro, como todos, tem uma história por trás. Há cerca de um ano, talvez mais, um grupo de investigadores de várias proveniências científicas decidiu encaminhar as preocupações que partilhavam, e as discussões que estas continuamente levantavam, para um debate escrito em torno de temáticas afins. Nascia assim *A Globalização no Divã*, livro constituído com base numa perspectiva multidisciplinar de reflexão em torno da globalização.¹ Na sequência do lançamento do livro, organizaram-se três conferências, cujo propósito foi prolongar as discussões centrais mantidas ao longo do livro, dando azo a novas ramificações dos anteriores debates. Embora estes tenham sido profícuos, vários outros problemas tinham ficado por responder, abordar, examinar.

A oportunidade para voltar a discutir alguns desses problemas surgiu pouco tempo depois, num grupo de trabalho constituído no VI Congresso Português de Sociologia, com a mesma designação do presente livro, *A Produção das Mobilidades*. No seguimento da sessão do congresso de sociologia, foi pedido a todos os participantes no grupo de trabalho que partissem das comunicações apresentadas para redigir um novo texto, mais elaborado e actualizado, que tomasse em linha de conta a troca de ideias entretanto mantida. Paralelamente, e dado que o grupo era composto sobretudo sociólogos, foram endereçados novos convites a autores de outras áreas científicas, com o intuito de alargar uma vez mais o âmbito disciplinar desta reflexão. Vários meses mais tarde chegámos à actual selecção de textos. Estava, portanto, na altura de avançar com uma nova proposta editorial.

Das migrações planetárias de pessoas com maior ou menor regularidade e com os mais variados propósitos e estatutos

¹ Carmo, Melo e Blanes (2008).

(turistas, trabalhadores, refugiados, etc.) ao transporte de objectos e de uma ampla gama de bens e mercadorias, passando pela difusão e circulação de símbolos, ideias, imaginários, são várias as vias, os contextos e os pretextos para pensarmos as mobilidades. O que distingue a maioria das sociedades actuais em relação às do passado, no que toca às mobilidades, é porventura a própria extensão das redes e a intensificação dos fluxos, a que podemos acrescentar o aumento do volume e a velocidade com que as transacções e os trânsitos se processam.

Esta constatação inicial encaminhou-se para um ponto de partida. Discutir a globalização a partir da sua consequência mais óbvia: as *mobilidades*, mas também tendo por objectivo problematizar a relação com um dos seus referentes aparentemente mais insuspeitos: os *lugares*. É justamente na articulação entre estes dois termos que se pode encontrar a raiz de alguns equívocos com que nos deparamos em várias leituras deste processo.

Ao contrário do que poderíamos pensar, tomando como ponto de partida certas interpretações do processo de globalização em curso, os fluxos não substituíram nem se sobrepuseram por completo aos lugares; tal como a possibilidade de «desterritorialização» dos fenómenos e das relações sociais, desencadeada pela intensificação da globalização, não anulou a importância dos territórios, de onde procedem e para onde se encaminham, em última análise, a maior parte dos circuitos informacionais e comunicacionais.

Parece-nos que a questão deve ser equacionada de outra forma. Em vez de pensarmos os fluxos em oposição aos lugares (e vice-versa), devemos contemplar a própria produção das mobilidades, através da qual podemos observar como se constituem as redes, se definem os trajectos e se constroem as espacialidades, em torno de múltiplos contextos sociais. *Redes, espacialidades e trajectos* apresentam-se, deste modo, como termos-chave para um debate multifacetado sobre a produção das mobilidades.

Redes. O complexo padrão de interligação planetária a que chamamos globalização assume a forma de várias redes que se constituem com diferentes propósitos, âmbitos, escalas e níveis de integração. O acesso, a participação e o controlo exercidos no interior das mesmas é por isso amplamente variável, revelando padrões que espelham intrincadas assimetrias. Dizer que uma sociedade se organiza em rede é pois uma coisa demasiado vaga, cuja especificação se impõe de imediato. De qualquer modo, e ensaiando uma

abordagem mais sistemática desta questão, podemos dizer que uma rede é constituída por *nódulos, laços e fluxos* (Barney 2004). Um nóculo é um ponto distinto de uma rede. Um laço liga um nóculo, pelo menos, a outro. Um fluxo é aquilo que circula entre os nóculos através do laço. É a junção específica das qualidades destes três elementos que constitui uma rede. Cada nóculo, laço e fluxo apresenta determinadas características que combinadas produzem o carácter de determinada rede. Circunstâncias históricas particulares fazem da época actual, num cada vez mais vasto conjunto de sociedades, o cenário primordial para a afirmação do que tem sido designado uma *sociedade em rede* (Castells 2000). Com efeito, os avanços tecnológicos nos transportes e as inovações associadas à área das telecomunicações tornam a circulação planetária quase sem limites e a comunicação instantânea. Onde as nossas objecções se manifestam é na utilização indiscriminada desta designação, sobretudo quando se associam redes a *informação* e se atribui arbitrariamente a esta um papel distintivo das sociedades actuais (May 2002; Webster 1995; Robins e Webster 1999; Kumar 1995). A natureza dos fluxos não é indiscriminada, nem tão-pouco é neutro o sentido que estes assumem. Por outro lado, ainda que as redes sejam uma condição essencial para que a mobilidade se realize, sem actores estas são vazias. Os recursos indispensáveis ao acesso às redes e o tipo de participação que efectivamente patenteiam reflectem desigualdades que se repercutem em diferentes mobilidades.

Espacialidades. A tensão entre o espaço e as mobilidades desempenha um papel central na compreensão das sociedades actuais. Como vimos, mobilidade tende a ser pensada em oposição a lugar, tal como fluxo parece opor-se a fixidez. Com efeito, para certas teorias os fluxos parecem anular os lugares, criando sociedades sem fricção territorial (Urry 2000). O espaço, contudo, não se dissolveu, ainda que em muitos aspectos se tenha comprimido. Na verdade, o espaço não se reduz ao lugar, apresenta uma multidimensionalidade que não pode ser ignorada (Carmo 2006). Afirmar que o espaço é multidimensional equivale a dizer que na sua construção intervêm múltiplos factores, que se articulam de variadas formas entre si, produzindo-o socialmente. É neste sentido que podemos invocar a necessidade de considerar múltiplas espacialidades, associadas a diferentes vivências e apropriações do espaço. Do mesmo modo, podemos dizer que a mobilidade não se limita a movimento, inclui também as relações de poder e os recursos que

a produzem (Cresswell 2006). Na verdade, podemos movimentar-nos sem sermos verdadeiramente móveis, tal como podemos ser móveis sem nos movimentarmos (Canzler, Kaufmann e Kesselring 2008). A primeira afirmação pode ser ilustrada através do exemplo do homem de negócios que viaja de centro de conferências em centro de conferências pelo mundo fora sem verdadeiramente desenvolver laços locais. O segundo caso pode ser ilustrado através dos laços mantidos através das redes informáticas actuais, que permitem desenvolver relações sociais sem sair do mesmo lugar.

Trajectos. Dos viajantes aos exilados políticos, da venda de alimentos à distribuição de jornais, podemos conceber diferentes possibilidades de trânsito, circulação, diáspora, mediante as quais se definem itinerários, percursos ou rotas que é possível associar a diferentes pessoas, objectos, símbolos. A identificação destes trajectos constitui por isso um programa de pesquisa indispensável para o exame das mobilidades, centrado não só no mapeamento dos fluxos, mas também na indagação dos motivos que levam a empreender uma jornada, na descoberta do ímpeto que desencadeia um movimento. A deslocação pressupõe uma rota e um veículo (dos caminhos-de-ferro às redes de fibra óptica), mas também um destino (seja um apartamento numa cidade, seja um endereço de correio electrónico), para onde se encaminham os fluxos. Todavia, a preocupação com os fluxos tem feito esquecer a sua origem e o seu destino, os lugares e os nódulos que inevitavelmente ligam. Por outro lado, ignora-se também que os vários fluxos podem deixar diferentes vestígios, rastros, marcas, que distinguem e localizam os trajectos, evidenciando uma vez mais a tensão entre mobilidade e espacialidade. A principal razão por que podemos dizer que a mobilidade não se reduz a movimento, o que poderia ser identificado como um simples trajecto no espaço, é porque ela depende igualmente de quem realiza ou desencadeia o trajecto, dos seus propósitos mas também dos seus recursos, explicando em última instância a diferenciação das mobilidades.

Nos vários textos aqui reunidos, as *mobilidades* revestem-se de diferentes cambiantes: das migrações profissionais de artistas e de cientistas à diáspora da Igreja Tokoísta, passando por abordagens mais teóricas sobre as possíveis dimensões da mobilidade, são várias as propostas que trazemos para reflexão.

No capítulo que abre o presente livro, Tim Cresswell oferece-nos uma discussão sistemática acerca do conceito de mobilidades,

revisitando seis teses que podem ser vistas como outras tantas dimensões de análise: as *razões* porque as pessoas e as coisas se movem, a *velocidade* envolvida nessa deslocação, os seus diferentes *ritmos*, as *rotas* que definem, a *experiência* da mobilidade e, finalmente, a *fricção* que se apresenta como contraponto inevitável de qualquer experiência de mobilidade.

No capítulo seguinte, Renato Miguel do Carmo propõe-se desmontar as concepções que perspectivam a produção social do espaço a partir de sistemas analíticos demasiadamente abstractos e hierarquizados. Em alternativa, enquadra o espaço social como um campo de tensões entre os vários segmentos que o constituem (que ora colidem, ora se associam). Uma das principais tensões identificadas coloca em confronto diferentes mobilidades e a construção das espacialidades.

Partindo de um contexto histórico específico na cidade de Lisboa, Frédéric Vidal discute a relação entre mobilidade residencial e permanência na vida do bairro. Ao contrário de outras abordagens históricas, as preocupações actuais de vários autores parecem centrar-se nas trajetórias individuais e nas redes de relações, entre outros aspectos, deixando de lado, por isso, categorias espaciais e sociais prévias, como a comunidade, o bairro ou a classe social. A comparação entre os registos administrativos e as vivências da população sobressai como uma das metodologias desenvolvidas. O que estas abordagens tornam evidente é a própria diversidade dos processos de construção e de identificação das relações com o espaço urbano.

Longe de conceber os fluxos em oposição aos lugares, José Alberto Simões propõe-nos no seu capítulo uma abordagem centrada na interactividade dessa relação. Tal argumento é ilustrado através do caso específico do *hip-hop*. Apesar de fortemente globalizadas, as práticas e os fenómenos característicos deste universo cultural são sempre «localizados», inscrevendo-se em lugares específicos, onde são adoptados e adaptados. Mesmo as redes «virtuais», que prolongam o *hip-hop* na Internet, não se constituem independentemente do «real», pelo contrário, tomam-no como referência constante, reproduzindo-o e engendrando-o de alguma forma, fazendo assim alusão aos próprios lugares. Do mesmo modo, várias das práticas desenvolvidas *on-line* encaminham-se novamente para a «realidade», alimentando redes e circuitos existentes *off-line*.

Enquanto expressão visual urbana, o *graffiti* caracteriza-se pela sua constante reinvenção e transformação, atributos reforçados pelo carácter efémero da sua inscrição nos mais variados suportes urbanos. Conforme nos explica Ricardo Campos ao longo do seu capítulo, na última década assistiu-se a uma transposição da imagem do *graffiti* do espaço físico citadino para os suportes digitais. Esta transferência não alterou apenas a natureza do suporte utilizado, teve igualmente implicações ao nível dos circuitos criados, cujas potencialidades são evidentes no que respeita à manipulação e difusão das imagens criadas e consumidas.

Se o turista se apresenta como um dos modelos do viajante, os guias turísticos apresentar-se-iam como coordenadas para esta sua mobilidade, antecipando a jornada e o itinerário. Contudo, tal como argumenta Maria João Cordeiro no seu capítulo, a forma como certos guias turísticos tendem a fixar os atributos dos lugares é contrária à representação de mobilidade que associamos ao estado actual da globalização. Este argumento é ilustrado através dos resultados de uma investigação realizada sobre a representação turística de Portugal em guias de viagem alemães actuais. Conforme comprovou, a representação criada por estes guias tende a produzir uma imagem de «imobilidade», delimitando um território por onde o tempo parece não ter passado.

O capítulo de André Nóvoa constrói-se à volta de um paradoxo: a carrinha dos artistas na estrada, apesar de móvel, não apresenta mobilidade. Com efeito, como é sugerido pelo autor, a carrinha funciona como uma espécie de cápsula que envolve (e protege) os seus ocupantes, fazendo com que a deslocação se processe sem atrito. O facto de a viagem ser realizada sem verdadeiro contacto com os vários lugares por onde a banda vai actuando reforça esta experiência onde a verdadeira mobilidade parece estar ausente. As deslocações na carrinha e os vários espaços por onde a banda actua são extensões da mesma «cena musical», que se vai reproduzindo de certa forma nos diferentes cenários da digressão.

O modo como a mobilidade profissional se constitui enquanto recurso é o tema de discussão do capítulo de Cristina Farinha. Especificamente, a autora aborda a circulação pelo espaço europeu dos profissionais das artes. De um lado parecem estar o encorajamento à circulação dos artistas e a valorização generalizada de tal prática, reforçada pela importância estratégica que esta possui em tais profissões, do outro lado parecem erguer-se múltiplos obstá-

culos que, se não bloqueiam a possibilidade de deslocação, constituem pelo menos um forte entrave.

Tendo por base uma investigação em curso sobre os investigadores portugueses no estrangeiro, Ana Delicado explora ao longo do seu capítulo a natureza dos contactos mantidos pelos cientistas expatriados com o sistema científico português. Mais do que discutir o problema da mobilidade, a autora pretende examinar as ligações que os cientistas que partem mantêm com o país e o sistema científico de origem, nomeadamente considerando a natureza desses contactos, a sua frequência e as finalidades a partir das quais estes laços se estabelecem.

A circulação de jogadores de futebol brasileiros e sul-americanos para o exterior é o tema do capítulo de Carmen Rial. Nele é-nos contado o percurso histórico dessa mobilidade transnacional em direcção aos clubes europeus a partir de um conjunto diversificado de fontes e de testemunhos. Por intermédio deste estudo verificam-se algumas constantes, nomeadamente uma tensão recorrente entre a valorização performativa da qualidade desportiva dos atletas sul-americanos por parte da imprensa e dos dirigentes desportivos europeus e, simultaneamente, a crítica negativa em relação a aspectos de ordem comportamental e societal.

Em que mediada a migração se converte num recurso económico cobiçado, promovido e controlado pelo Estado, é a questão que se encontra no centro do debate desenvolvido por José Mapril. Concretamente, apresenta o caso da exportação de mão-de-obra do Bangladesh actual. A importância das migrações para economia do país explica em grande medida a intervenção do Estado e a tentativa de regulação de tal prática. Na verdade, os trabalhadores migrantes são objecto de uma «governamentalidade» que se estende para além da alçada do Estado e das suas instituições, onde se podem incluir entidades como burocratas, religiosos, académicos, médicos, entre outros, cuja influência na conduta humana se afigura igualmente decisiva.

No último capítulo aqui reunido, Ruy Llera Blanes debruça-se sobre a relação entre religião e mobilidade humana. Mais especificamente, aborda o caso da Igreja Tokoísta, um movimento independente africano nascido na esfera da etnicidade bakongo (RD do Congo/Angola), porém construído como fenómeno angolano. Conforme argumenta, ao longo da última década a expansão da Igreja pela diáspora angolana transformou aquilo que era um dis-

curso eminentemente nacional num discurso global e universalista. Desta forma, a «circunscrição moral» da Igreja Tokoísta parece alterar-se em função dos diversos contextos, nomeadamente de carácter político-administrativo, em que esta se vai implantando como resultado da sua própria mobilidade.

Entre a *territorialização* e o *fluxo*, o *local* e o *global*, a *rua* e a *Internet*, o espaço não é linear nem homogéneo, tal como a sua vivência, as redes e os circuitos que se edificam em torno do mesmo não o parecem ser. A variedade de propósitos a partir dos quais podemos pensar a produção das mobilidades permite-nos justamente perceber esta heterogeneidade, conduzindo-nos a uma reavaliação das categorias analíticas que utilizamos para pensar diversos objectos de estudo que tomam o espaço como referência. Partindo de diferentes áreas disciplinares, propomo-nos, neste livro, contribuir para uma discussão multifacetada, apresentando diferentes contributos teóricos, mas igualmente ilustrando-os com os resultados de investigações realizadas em diferentes áreas científicas.

Referências bibliográficas

- Barney, Darin. 2004. *The Network Society*. Cambridge: Polity Press.
- Canzler, Weert, Vincent Kaufmann, e Sven Kesselring. 2008. «Tracing mobilities: an introduction». In *Tracing Mobilities: Towards a Cosmopolitan Perspective*, org. Weert Canzler, Vincent Kaufmann e Sven Kesselring. Aldershot: Ashgate, 1-12.
- Carmo, Renato Miguel do. 2006. *Contributos para uma Sociologia do Espaço-Tempo*. Oeiras: Celta Editora.
- Carmo, Renato Miguel do, Daniel Melo, e Ruy Llera Blanes, org. 2008. *A Globalização no Divã*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Castells, Manuel. 2000 [1996]. *The Information Age: Economy, Society and Culture*. Vol. I: *The Rise of the Network Society*. Oxford: Blackwell.
- Cresswell, Tim. 2006. *On the Move: Mobility in The Modern Western World*. Nova Iorque: Routledge.
- Kumar, Krishan. 1995. *From Post-Industrial to Post-Modern Society: New Theories of the Contemporary World*. Oxford: Blackwell.
- May, Christopher. 2002. *The Information Society: A Sceptical View*. Oxford: Blackwell.
- Robins, Kevin, e Frank Webster. 1999. *Times of the Technoculture: From the Information Society to the Virtual Life*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Urry, John. 2000. *Sociology beyond Societies: Mobilities for the Twenty First Century*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Webster, Frank. 1995. *Theories of the Information Society*. Londres e Nova Iorque: Routledge.